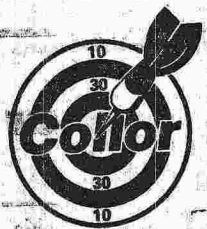


Líder governista ataca política de Marcílio

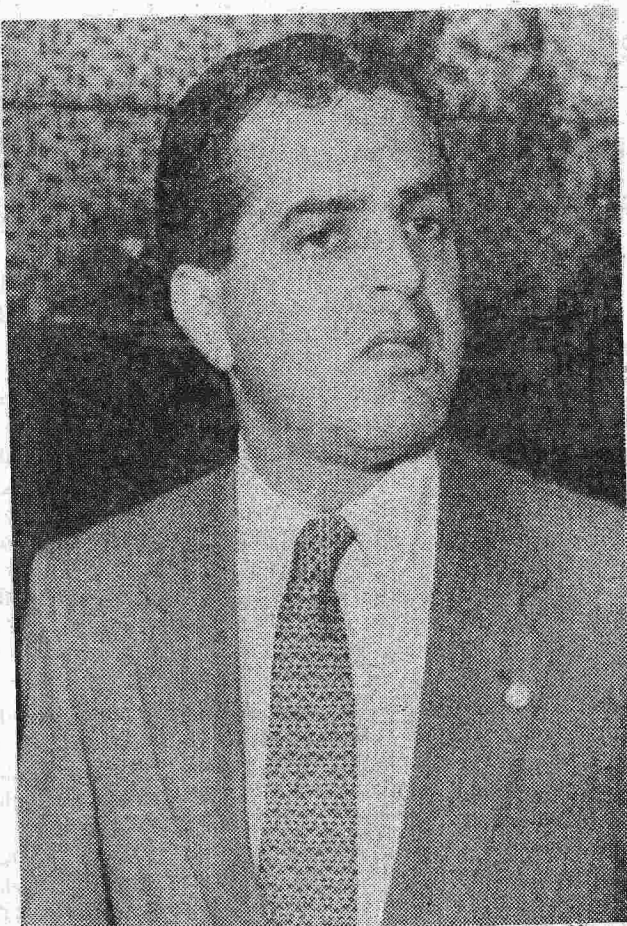


BRASÍLIA —

O líder do PFL na Câmara, deputado Luís Eduardo Magalhães (BA), mudou radicalmente de discurso e, pela primeira vez, fez um duro ataque ao ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Indignado com as notícias de que seu partido condicionaria o apoio ao presidente Fernando Collor à liberação de recursos, Luís Eduardo questionou as promessas e realizações de Marcílio. "Não aceitamos e desafiamos que se prove a pecha de fisiológicos. Se os agentes econômicos estão apontando uma subida da inflação neste mês de agosto, é bom procurar outro alibi que não seja o PFL", disse.

Luís Eduardo enumerou uma série de projetos de lei que a bancada governista no Congresso Nacional aprovou "na certeza de que inflação ia cair". Enumerou a modernização dos portos e a concessão de serviços públicos à iniciativa privada, mas destacou-se na política de reajustes para o salário mínimo. "A equipe econômica garantia que o salário médio subiria com a queda da inflação", cobrou o líder do PFL. "O que se pediu, foi feito. Cumprimos com nosso dever", completou.

Pouco antes do discurso de Luís Eduardo, seu pai, o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, recebeu em Salvador o deputado Delfim Netto (PDS-SP), que foi ministro da Fazenda e do Planejamento nos governos militares. O líder, no entanto, afirmou que suas críticas eram resposta aos ataques que o



Luís Eduardo diz que quer "bom senso"

PFL sofrera de integrantes da equipe de Marcílio. Ele não citou nomes, mas responsabilizou, indiretamente, o ministro. "Entendemos as dificuldades de uma política de combate à inflação. Agora, estranhemos que se queira atribuir ao partido qualquer tipo de tentativa de abrir cofres", disse. Desde a última sexta-feira, o apoio do PFL contra o impeachment do presidente Collor é atribuído à



Marcílio sofre pressão dos pefelistas

volta do "é dando que se recebe". Luís Eduardo alegou que o PFL quer apenas "bom senso" na liberação de verbas.

Luís Eduardo evitou ser direto, ao ser perguntado sobre suas discordâncias com Marcílio. Disse, no entanto, que "são inevitáveis ajustes" na política econômica, citando o redirecionamento de investimentos para evitar

desemprego e mudanças na política monetária.

"Queremos continuar ajudando. Consideramos que a inflação é o tributo mais alto que paga as classes menos favorecidas", disse, tentando um tom conciliador. Garantiu que o PFL não pediu e sequer pensa na substituição do ministro Marcílio. "Isso não passa pela cabeça de ninguém de bom senso", sustentou.